

Sinceridade de criança.
Por Juliana Fernandes Gontijo.

Naqueles anos finais da década de 1980 e início dos anos de 1990, um período em que ainda existia a máquina etiquetadora nos grandes supermercados, um caso me chamou a atenção na loja onde eu trabalhava como gerente.

Estava andando pelos corredores a fim de fazer a vistoria de limpeza, quando parei na seção de higiene e me surpreendi com uma família fazendo compras. Na verdade, um pessoal que, mensalmente, frequentava o supermercado.

Eram pai, mãe e filho. A criança deveria ter uns 6 anos. O carrinho ainda estava vazio e, pelo tamanho da lista nas mãos da mulher, a compra deveria durar algumas horas.

— Mãe, leva essa. — Apontava o garoto para uma determinada escova de dente.

— Não, filho. Essa é muito cara! A mamãe não tem dinheiro hoje.

— Eu gostei dessa, mãe. É azul, da cor da camisa do meu time.

— Renatinho, sua mãe já disse. Não temos dinheiro. É comprar somente o necessário.

— Tá bom, pai. Outro dia compra, né?

— Sim, filho.

O casal ficou um tempo ali, olhou sabonetes e xampu. A criança continuava a correr e pedir aos pais que levassem outros produtos que ele ia escolhendo. Eles, porém, não davam atenção ao que o menino falava, queriam somente os itens da lista.

Continuei a minha ronda de fiscalização que durou cerca de uma hora no supermercado. Vez por outra, via o mesmo casal e a criança sempre pedindo um produto ou outro. E os pais na mesma resposta:

— Hoje, não! Estamos sem dinheiro.

No setor de balas e refrigerantes, o menino tentou pegar um pacote de bolachas recheadas na gôndola e, como não conseguiu, vários outros produtos que estavam ao lado caíram no chão.

O menino foi repreendido pelo pai:

— Coloque tudo onde você encontrou.

— Pai, desculpa. Eu sei que o senhor não vai comprá, não tem dinheiro, né?

— Então não mexe, filho. Já sabe: errou tem que pedir desculpas. — Falou a mãe com rispidez.

Cheguei mais perto e ofereci ajuda. Eu e o garoto apanhamos todos os pacotes no chão. Ele me agradeceu com aquele sorriso maroto de menino esperto e inteligente, dizendo em seguida:

— Papai não tem dinheiro hoje.

— Outro dia ele vai comprar, está bem? — Respondi a ele.

Depois de umas duas horas dentro do supermercado, vi quando a família se dirigiu ao caixa com o carrinho lotado.

A mãe ia tirando os produtos e entregando ao marido que os aproximava da registradora, porque no supermercado ainda existia a esteira rolante. O menino observava tudo em silêncio. Ao final das compras, ele percebeu a escova azul que tanto pedira.

— Mãe, a senhora vai levar a minha escova azul? — Disse o menino, radiante.

— Sim, filho. — Respondeu a mãe, meio sem graça.

— Mas a senhora falou que não tinha dinheiro!

— A mamãe deixou de comprar outras coisas.

Naquele momento, o pai tentava conter a criança que já estava bem inquieta. A mãe ia ficando mais sem graça, sem saber o que falar até que o menino gritou:

— Fala a verdade, mãe. A senhora trocou o papelzinho do preço.

A mulher começou a gaguejar:

— Nã... Não, filho! Que isso! Pede esse menino para ficar quieto, Antônio!

— Eu vi, mãe. A senhora trocou sim. — Disse o menino com mais firmeza.

A funcionária do caixa me fez um sinal de longe para tentar resolver aquele impasse:

— Pode ser algum engano, não é, senhora? Criança tem cada uma!

Eu fui atrás do produto. Precisava verificar se havia realmente ocorrido o problema. Fato constatado. A troca de etiqueta foi pelo preço de uma escova mais barata. Quando retornei ao caixa, a família estava se retirando da loja sem levar as compras. E o menino gritava:

— Volta, mãe. Pede desculpa para a moça. A senhora sempre fala que, quando a gente faz coisa errada, tem que pedir desculpa.

O pai do menino tentava contê-lo, segurando-o firme pelo braço:

— Vamos embora, filho. Já chega de tanta vergonha.

— Me solta, pai! Mamãe não vai pedir desculpa, não?

Naquele momento, pareceu mais um "combinado": todas as máquinas pararam de funcionar, as pessoas se calaram e a voz do menino ecoava dentro do supermercado:

— Mamãe não vai pedir desculpas não, não, não?

A mulher não teve alternativa a não ser voltar e fazer o que o filho tanto exigia:

— Sinto muito, nós não tínhamos dinheiro para comprar a escova que ele tanto queria. Desculpa pelo que eu fiz.

— Mãe, eu entendi quando a senhora falou que não tinha dinheiro, viu? Eu sabia que a senhora ia comprá depois.

Ao ouvir aquela frase, a mulher ficou ainda mais vermelha de vergonha e eu, surpreso com a resposta sincera da criança, nada comentei. Não era preciso! O menino já havia dado uma lição aos pais.

O casal saiu da loja de cabeça baixa. Rapidamente, as atividades voltaram ao normal. E aquela foi a última vez que vi tal família no supermercado onde eu trabalhei até me aposentar.
